

regras que limitam o arbítrio dos grupos de interesses e do governo de empresa. Neste caso, a carreira é determinada por critérios objectivos de avaliação: antiguidade, diplomas, etc.

Nas L. A. de *contrôle*, relacionam-se, em nome de certos valores (a ciência, a racionalidade, a competência, etc.) os fins da empresa e os modos de retribuição, designadamente mediante a participação na definição dos critérios e no *contrôle* das decisões de distribuição: rendimento, carreira, etc.

A análise prossegue com a relação das L. A. colectivas, das L. A. distributivas e dos objectivos administrativos.

Na segunda parte do trabalho, estudam-se as *estratégias das grandes empresas tecnológicas*, mediante o recurso à análise de determinadas variáveis: sistema económico, posição relativa na hierarquia do poder industrial, margem de autonomia da empresa, concepções dos indivíduos e dos grupos, posições na divisão do trabalho, tipos de tecnologia, estruturas das organizações, relações de influência, objectivos específicos dos grupos, mecanismos de regulação das relações entre centros do poder, relações de força, resultados da empresa, etc.

No tocante ao sistema económico, o autor estuda, em particular, as características do «capitalismo tecnológico»: *contrôle da ciência, política financeira, sistema de preços, coalisões, relação com o poder político, inovação técnica, diversificação dos produtos no mercado, estratégia das grandes empresas.*

Do sistema de condicionamentos globais e das lógicas de acção escolhidas decorrem determinadas formas empíricas de actuação, no respeitante às estratégias comercial, de fabrico, financeira, de investigação e de relações entre empresas diferentes.

As conclusões apontam para a necessidade de considerar a política de empresa como o produto complexo das combinações relações económicas-relações sociais, tais com se manifestam nos diversos níveis das instituições económicas: grupo organizacional, sociedade, grupo industrial, indústrias e sistema económico.

O presente trabalho remete, em diversos pontos, para o relatório mais desenvolvido da investigação orientada pelo autor: Karpik, Callon,

Chauveau, Vignolle, *Les politiques des grandes entreprises industrielles de pointe*, Projet de recherche et schéma d'analyse, Centre de Sociologie de l'Innovation (École des Mines) et Direction Générale de Recherche Scientifique et Technique, 1969, policopiado, 300 pp.

Trata-se de uma análise extraordinariamente importante, tanto mais que a economia política atravessa uma crise resultante da inadequação dos instrumentos tradicionais da teoria clássica e neo-clássica para explicar o sistema de determinações específicas e o poder da empresa, que não é redutível às meras forças de mercado, e a sociologia das organizações se tem mantido etnocentricamente interessada no funcionamento interno de grupos específicos, deixando de lado, quase sempre, questões fundamentais: a grande sociedade do capitalismo mais moderno, a relação entre a estratégia da empresa e o processo de divisão do trabalho, a influência dos sistemas de recolha e tratamento da informação, a tentativa das classes dirigentes para controlar o conhecimento científico e os seus usos sociais, a concentração do poder, a articulação com as estruturas institucionais, as relações sociais (nos seus diferentes níveis) e os sistemas de acção histórica, etc.

Impõe-se, consequentemente, a construção de um novo e relevante *objecto de análise*.

Marinês Pires de Lima

«O operariado e a concentração industrial na zona de Lisboa (separata de *Económica Lusitânia*, revista dos estudantes do Instituto Superior de Economia), Lisboa, 1974.

A análise de situações concretas, referentes à formação social portuguesa, que parta de premissas teóricas achadas válidas e que se empenhe no enquadramento elaborado de agregados empíricos pré-existent, é trabalho, dentro de certos limites, possível e, nessa medida, indispensável. Com efeito, se é bem apertada a organização do insuficiente material empírico à mercê daqueles que ensaiam análises sobre a realidade portuguesa, todavia vislumbra-se, nalguns casos, a brecha que uma pertinente utensilagem teó-

rica aponta e circunscreve. A indispensabilidade do trabalho radica na importância da produção e acumulação de conhecimentos, mesmo parcelares, sobre o real social, já que este é geralmente obscurecido pelo senso comum da ideologia circulante ou vazado nos moldes abstractos de uma qualquer ortodoxia.

Constitui o texto em epígrafe um exemplo da capacidade de desbloqueamento e desbravamento analítico operado por uma grelha teórica suposta adequada, face a uma montagem de referências empíricas com finalidades lineares. Estas referências, colhidas quase exclusivamente no *Inquérito Industrial* de 1964, devidamente manipuladas e conjugadas com parâmetros de ordem teórica, permitem uma primeira, mas já esclarecedora, visão do objecto em estudo.

Desdobra-se o texto em oito pontos, dos quais os dois primeiros, «Desenvolvimento capitalista e industrialização» (I) e «Desenvolvimento capitalista e industrialização em Portugal» (II), estabelecem o pano de fundo teórico e as primeiras balizas conceptuais que introduzem propriamente o objecto de análise. Recusando o esquema dualista do desenvolvimento social e assumindo uma perspectiva marxista para a qual a dominância do modo de produção capitalista produz efeitos específicos, dá conta o texto, em seguida, de algumas das dimensões mais relevantes do processo em Portugal. «A concentração da produção e do proletariado na zona industrial de Lisboa» (III) fornece uma imagem da importância relativa daquela zona apontando as razões que a reforçam no contexto da produção industrial capitalista do país. «A produção de características artesanais ou ligada a formas de transição do capitalismo» (IV) assinala o carácter duradouro das formas de produção pré-capitalistas paralelas mas inter-ligadas com o tipo de produção que se mostra dominante, «A produção tipicamente capitalista: a pequena, média e grande indústria» (V). Neste ponto, indicadores possíveis desenham um quadro da estratificação da burguesia industrial na base da situação objectiva na produção e do respectivo peso económico. «A diversificação da produção. A estrutura produtiva na zona industrial de Lisboa» (VI) refere a polarização dos vários ramos da produção por dois grandes sectores, o

da produção dos meios de consumo e o da produção dos meios de produção, na zona onde se aglutinam os ramos de produção cujo processo de trabalho torna mais apto o desenvolvimento das potencialidades da lógica da fábrica capitalista. A cintura industrial de Lisboa demarca-se no terreno principalmente ao longo de três eixos maiores: Lisboa-Vila Franca, Lisboa-Sintra e, a sul do Tejo, a linha Almada-Seixal-Barreiro-Montijo. Toda esta mancha, onde «A concentração do operariado e da produção dentro da zona industrial de Lisboa» (VII) se torna notável, tem, paredes-meias, uma periferia particular constituída por vasta área de parca produção industrial e predominantemente agrícola. «A situação do operariado: produto necessário e excedente. Salários e horários de trabalho. O aumento da exploração» (VIII) é o último ponto do texto em referência. Pretende-se aqui dar uma medida do grau de exploração económica de que são objecto os trabalhadores, para o que se definem e articulam indicadores possíveis de mais-valia absoluta e relativa.

Um texto deste jaez afigura-se-nos deveras importante no plano da visualização das características particulares do sistema capitalista português, marcando uma etapa necessária para ulteriores análises porventura mais finas e detalhadas.

*Eduardo de Freitas*

PHILLIPS, Lawrence D. — *Bayesian Statistics for Social Scientists* — Thomas Nelson and Sons, 1973, 373 pp.

No campo da Estatística, os métodos adoptados constituem um dos assuntos que, naturalmente, maior controvérsia têm suscitado.

*Bayesian Statistics for Social Scientists* consiste, como o próprio nome deixa antever, numa exposição do método «bayesiano» aplicado às ciências sociais. A essência deste método assenta na revisão de uma hipótese inicial — associada a uma medida de probabilidade — a partir da informação que entretanto o investigador tenha podido colher. Essa informação, devidamente tratada através da aplicação do teorema de Bayes, permite a redefinição da hipótese de partida em termos de pro-